

Atividades com Comunicação & Educação — Ano XXII — n. 2

Ruth Ribas Itacarambi

Doutora pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Educadora aposentada do Instituto de Matemática e Estatística (IME) da USP. Coordenadora do Grupo Colaborativo de Investigação em Educação Matemática (GCIEM). Professora do curso de pós-graduação da Faculdade Oswaldo Cruz. Membro da Equipe SiteEducativa. E-mail: ritacarambi@yahoo.com.br

As fronteiras que separam as gerações não são claramente definidas, não podem deixar de ser ambíguas e atravessadas e, definitivamente, não podem ser ignoradas.¹

A geração “antiga” realiza sempre a educação dos “jovens”; haverá conflito, discórdia, mas se trata de fenômenos superficiais, inerentes a toda obra educativa e de refreamento, a menos que estejam em jogo interferências de classe...²

A organização das atividades da revista nesta edição tem como objeto de reflexão o jovem da contemporaneidade, da Geração Z, que nasceu após 1990, com o surgimento do sistema de hiperlinks (WWW, de *World Wide Web*) criado por Tim Berners-Lee em 1990 e divulgado em 1991.³ Jovens que não conheceram o mundo sem internet, não diferenciam a vida on-line da off-line, sendo a letra que os distingue, Z, do termo inglês *zapping*, “dar uma volta”. A grande nuance dessa geração é “zapear”, tendo várias opções entre canais de televisão, internet, *video games* e *smartphones*.⁴

Assim, os jovens da Geração Z são conhecidos por serem nativos digitais, familiarizados com a internet, com o compartilhamento de arquivos, com os telefones móveis – não apenas acessando a rede de suas casas, mas também a de seus celulares, estando assim extremamente conectados. Suas principais características são: compreensão da tecnologia; capacidade de exercer multitarefas; abertura social às tecnologias; velocidade e impaciência; interatividade; e resiliência.⁵ É dos jovens da geração denominada Z, e também daqueles contemporâneos a eles, que, por não terem acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), estão fora do que se conhece como literacia

1. BAUMAN, Zygmund. Between us, the generations. In: LARROSA, Jorge (ed.). **On generations: on coexistence between generations**. Barcelona: Fundació Viure i Conviure, 2007, p. 373.

2. GRAMSCI, Antonio. A questão dos jovens. In: **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 58.

3. SAVAGE, Sam. The generation z connection: teaching information literacy to the newest net generation. **RedOrbit**, Nashville, 19 fev. 2006. Disponível em: <http://www.redorbit.com/news/technology/397034/the_generation_z_connection_teaching_information_literacy_to_the_newest/>. Acesso em: 23 out. 2017.

4. SCHEIDER, Dado. Palestra Campus Party. Disponível em: <<https://www.facebook.com/PalestranteDadoSchneider>>. Acesso em: 23 out. 2017.

em tecnologias, que vamos tratar nessas atividades, tendo como referências os artigos que compõem esta edição.

Começamos com o estudo de Amanda Nogueira de Oliveira e Alexandre Barbalho, “Entre o WhatsApp e a praça da ‘Família’: relato de uma experiência teórico-metodológica”, que trata da pesquisa feita nas praças de Fortaleza, Ceará, visando compreender os processos de sociabilidade entre jovens reunidos em torno do grupamento autodenominado “Família Os Poderosos e As Poderosas”, que se conectavam por meio das redes sociais. Seu objetivo é analisar as relações, os deslocamentos e as rupturas a partir da convergência entre usos de TIC e praças. Para acompanhar os diálogos, foi utilizado o ambiente do WhatsApp, usado pelos membros da “Família Os Poderosos e As Poderosas”.

O artigo seguinte, de Myrian Clark Giannini e Maria Cristina Castilho Costa, “O *talk show* na escola”, relata a produção de um *talk show* para alunos do ensino médio de uma escola privada, partindo de sua realidade, em que enfrentam desafios e mudanças, no entanto não encontrando espaços de diálogo nas escolas, carentes de ações que propiciem contato maior com veículos de comunicação de massa.

Discutir a construção de pensamento crítico em jovens através da difusão de narrativas construídas por fãs de cultura *pop* é a proposta do artigo de Milena de Azeredo Pacheco Venancio e Alexandre Farbiarz, “Do prazer ao pensamento crítico em Harry Potter”. Segundo os autores, essa forma de lidar com a mídia auxilia os jovens a desenvolver diferentes habilidades e permite que, por meio da ficção, reflitam sobre questões do cotidiano, especialmente as com que se identificam. Para eles, *fanfics* e *memes* são construções narrativas formadoras de letramento midiático, uma vez que consideram as competências esperadas pelo letramento, como a capacidade de expressar suas interpretações e sentimentos por meio de sua própria cultura, a capacidade de distribuir e compartilhar suas criações através da internet.

Já o artigo “A literacia digital e as estratégias para o desenvolvimento de competências na aprendizagem em EaD: perspectivas do centro de recurso de Maputo, Moçambique”, de Eduardo Fofonca e Olivia Maria Matussi, retoma a questão da literacia digital a partir dos estudantes de Ensino a Distância (EaD) do Centro de Recursos de Maputo, da Universidade Católica de Moçambique. O estudo mostra que educar com tecnologia é o desafio deste século, pois se vive numa sociedade que migrou do meio físico para o meio virtual oferecido pela internet, fator que muda radicalmente a dinâmica das relações que envolvem a troca de informações. A internet e a comunicação em rede trouxeram nova linguagem, escrita e leitura em textos eletrônicos mediados pelas TIC; entretanto, o nível de literacia digital pode constituir-se obstáculo na aprendizagem, como verificado entre os estudantes do Centro de Recursos de Maputo (CRM). A estratégia apontada no artigo para orientar estudantes e professores na utilização da plataforma foram o telefone (WhatsApp) e a produção escrita (e-mail).

Comunicação e conhecimento científico são abordados no artigo “O documentário ‘A caverna dos sonhos esquecidos’: atividades na formação de

5. FEIXA, Carles; LECCAR-DI, Carmen. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. *Sociedade e Estado*, Brasília, DF, v. 25, n. 2, p. 185-204, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200003>. Acesso em: 23 out. 2017.

professores de física”, de Aldo Aoyagui Gomes Pereira e Maria José Monteiro Pereira de Almeida. Por meio da utilização em atividades de sala de aula do documentário de 2010 do diretor alemão Werner Herzog, foi discutido o uso da datação por Carbono 14 nas pinturas rupestres retratadas pela obra, problematizando alguns elementos da leitura de imagens e narrativa do filme.

As atividades nesta edição estão organizadas nos seguintes temas:

- O WhatsApp e a praça “Família”.
- *Talk show* e diálogo na escola.
- Pensamento crítico e letramento midiático.
- Literacia digital e aprendizagem na Educação a distância.
- Comunicação e conhecimento científico na escola.

PRIMEIRA ATIVIDADE

WhatsApp e a praça “Família”

A atividade está organizada para cursos de graduação em Comunicação, Pedagogia, Letras, para licenciaturas em geral e para professores do ensino médio. Tem como apoio o artigo “Entre o WhatsApp e a praça da ‘Família’: relato de uma experiência teórico-metodológica”, que visa compreender os processos de sociabilidade entre jovens reunidos em torno do grupamento autodenominado “Família Os Poderosos e As Poderosas” e que se conectam por meio das redes sociais.

Está organizada na seguinte sequência didática:

1. Leitura do artigo destacando as seguintes afirmações:

- “Geração digital” (Geração Z), que, para Campos, é composta por indivíduos “perfeitamente familiarizados com os códigos e com os processos de gestão da informação audiovisual em circulação por múltiplas redes”.⁶
- André Lemos aponta como tal dispositivo, que denomina de “dispositivo híbrido móvel de conexão multirrede”, reconfigura “as práticas sociais de mobilidade informacional pelos espaços físicos das cidades”.⁷ Com sua enorme variedade de formatos e cores, o aparelho transforma-se em forma de comunicação das atitudes dos jovens.
- Os jovens, ainda que mantenham costumes tradicionais como o de sentar nas calçadas para conversar com seus vizinhos e familiares, são transformados pelo uso do celular – mesmo no espaço público, sua atenção é voltada para o dispositivo, por meio do qual permanecem trocando informações.

2. Discutir as afirmações em grupo, levando seus componentes a refletir sobre o comportamento de cada um nas relações sociais de seu grupo de amigos e como o uso do celular interfere nestas relações.

6. CAMPOS, Ricardo. Identidade, imagem e representação na metrópole. In: CAMPOS, Ricardo; BRIGHENTI, Andrea; SPINELLI, Luciano. **Uma cidade de imagens: produções e consumos visuais em meio urbano**. Lisboa: Mundos Sociais, 2011, p. 25.

7. LEMOS, André. Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos dispositivos híbridos móveis de conexão multirrede (DHMCM). In: ANTOUN, Henrique. **Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, p. 51.

3. Registrar as considerações do grupo, apresentá-las em um grupo criado no WhatsApp e compartilhar com os demais.

4. O professor presente em todos os grupos faz a síntese dos tópicos abordados em sala de aula, enfatizando os itens presentes no artigo:

- Se os *emojis*, também chamados de “carinhas”, estão presentes e qual o sentido dado por eles ao texto.
- Se as palavras estão escritas da forma como eles falam.
- Se as construções nas mensagens de texto correspondem mais à forma oral que à representação escrita.
- Quais as diferentes formas de recursos textuais utilizadas nos grupos e a presença de imagens.

Como apoio ao professor sugerimos a leitura do item do artigo “A prática etnográfica: entre o celular e a praça”, e a reflexão sobre a consideração do sociólogo Bauman, que acredita que as redes sociais significam uma nova forma de estabelecer contatos e formar vínculos, mas que não proporcionam diálogo real, pois é fácil se fechar em círculos de pessoas que pensam da mesma forma que o usuário.⁸

SEGUNDA ATIVIDADE

Talk show e diálogo na escola

O artigo “O *talk show* na escola”, de Myrian Clark Giannini e Maria Cristina Castilho Costa, relata a produção de um *talk show* para alunos do ensino médio de uma escola privada, abordando parte da realidade dos jovens que enfrentam desafios e mudanças e não encontram espaços de diálogo nas instituições de ensino.

O estudo do tema está organizado a partir das problematizações que sugerimos a seguir, após a leitura do artigo. A atividade é destinada principalmente a professores e alunos do ensino médio e a diversos professores de cursos de graduação.

- Por que as autoras sugerem o projeto “O *talk show* na escola”?
- O que é um *talk show* na visão das autoras, e como foi concebido?
- Como fazer um *talk show* numa escola do ensino médio?
- Há possibilidade de se fazer um *talk show* na sua escola?
- Como o diálogo surge na criação de um *talk show*?

Como subsídio para o professor, propomos uma reflexão sobre a citação de Freire: “Para pôr em prática o diálogo, o educador não pode colocar-se na posição ingênua de quem se pretende detentor de todo o saber; deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo”.⁹

8. BAUMAN, Zygmund. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

9. FREIRE, Paulo apud GADOTTI, Moacir (Org.). *Paulo Freire: uma biografia*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 1996, p. 86.

1. Solicitar que os alunos, em pequenos grupos, pesquisem na internet *talk shows* atualmente veiculados e suas empresas de mídia responsáveis.

2. Analisar o “Programa do Jô”, exibido na Rede Globo e apresentado por Jô Soares, e observar que o *talk show* brasileiro é semelhante ao programa americano “Late Show with David Letterman”, exibido na Rede CBS e hoje apresentado por Stephen Colbert. Sugerimos assistir a alguns episódios do *talk show* de Jô Soares no YouTube.¹⁰

TERCEIRA ATIVIDADE

Pensamento crítico e letramento midiático

A atividade seguinte segue a mesma linha de reflexão da anterior, a necessidade de espaços escolares que ofereçam experiências e valorizem as relações sociais, respeitando o direito do jovem à comunicação e à informação; e a construção de pensamento crítico através de experiências de comunicação como o *talk show* e de narrativas construídas por fãs de cultura *pop*, tal como proposto no artigo de Milena de Azeredo Pacheco Venancio e Alexandre Farbiarz, “Do prazer ao pensamento crítico em Harry Potter”. Segundo os autores, essa forma de lidar com a mídia auxilia os jovens a desenvolver diferentes habilidades, e *fanfics* e *memes* são construções narrativas formadoras de letramento midiático.

A atividade é destinada a professores de Português e Artes e alunos do ensino médio. Está organizada na seguinte sequência didática:

1. Propor a leitura individual do artigo, sublinhando as seguintes expressões recortadas do texto:

- Novas perspectivas das formas narrativas *fanfic* e *memes*.
- Nestas narrativas há abertura à discussão de questões de interesse coletivo, como o debate sobre formas de preconceito e apoio a movimentos sociais.
- Educar é causar estranhamento no indivíduo que o leve à possibilidade de pensar sobre algo.
- Aproximar entretenimento e educação, propondo possibilidades de discussão de pautas sociais a partir de produtos midiáticos, considerando também desigualdades no acesso às diferentes mídias.
- Discutir possibilidades de construção de pensamento crítico em jovens através da difusão de narrativas como *fanfics* e *memes*.

2. Retomar as expressões recortadas do texto e relacioná-las no artigo, primeiramente identificando se os alunos sabem o que são *fanfics* e *memes*, se já os usaram ou receberam em seus dispositivos digitais. Num segundo momento, se já leram ou conhecem os livros e filmes da saga Harry Potter. Se

10. Por exemplo: TIRIRICA “mata” Jô Soares de vergonha no Programa do Jô. 15’30”. Jabuti Nervoso. YouTube. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GmSEEQSNazI>>. Acesso em: 23 out. 2017.

a resposta for positiva, perguntar a opinião deles sobre a narrativa do texto ou a sequência dos episódios no filme. Caso a maioria não conheça os livros, sugerir que leiam pelo menos o primeiro livro da saga, e que assistam ao filme prestando atenção na trilha sonora do compositor John Williams, indicada ao Oscar em 2002.

3. Com essas informações em mãos, fazer a análise crítica das relações de aproximação entre produtos da indústria cultural, como Harry Potter, e educação.

Como subsídio para o professor, sugerimos a leitura das considerações finais do artigo, em especial a citação dos autores sobre Bordieu, “que trabalha com diferentes capitais na construção do gosto, os quais determinariam a distinção: econômico, social, cultural e simbólico”, situando-a no contexto do artigo.

QUARTA ATIVIDADE

Literacia digital e aprendizagem na Educação a Distância

A questão da literacia digital é retomada a partir do projeto de Ensino a Distância (EaD) do Centro de Recursos de Maputo, da Universidade Católica de Moçambique, no artigo “A literacia digital e as estratégias para o desenvolvimento de competências na aprendizagem em EaD: perspectivas do centro de recurso de Maputo, Moçambique” de Eduardo Fofonca e Olivia Maria Matussi. O estudo mostra que educar com tecnologia é o desafio da educação atual; entretanto o nível de literacia digital dos estudantes que não são da Geração Z pode constituir-se obstáculo para aprendizagem, como é observado entre os estudantes do Centro de Recursos de Maputo (CRM).

As atividades anteriores consideravam jovens urbanos e letrados em mídias, mas nessa temos um contraponto: os estudantes não dominam as tecnologias, situação comum a populações jovens de várias regiões do interior do Brasil e de outros países da América Latina e África, como em Moçambique.

1. Ler o artigo em grupo, identificando objetivos gerais e específicos do estudo, visando compreender como ocorre a literacia digital entre estudantes e professores do Centro de Recursos de Maputo.

2. Sintetizar as opiniões dos alunos e discutir a questão da inclusão digital nas regiões pobres. Para subsidiar essa discussão, propomos a leitura dos itens “Política de Inclusão digital”, “Competências digitais dos estudantes de Educação a Distância” e “Estratégias para o desenvolvimento de competências digitais”.

Para orientar os estudantes, os professores utilizam a plataforma digital, telefone, redes sociais e e-mail; e foi criado pelo CRM um fórum no WhatsApp para facilitar a troca de informações entre todos; os estudantes também tinham seus próprios grupos de trabalho.

3. Pedir para os alunos pesquisarem o significado de literacia digital, tecnoliteracia, *media literacy*, entre outras denominações, e consultarem a seção “Atividades da revista Comunicação e Educação” de edições anteriores.¹¹

QUINTA ATIVIDADE

Comunicação e conhecimento científico na escola

Escolhemos fechar a sequência das atividades desta seção com o artigo “O documentário ‘A caverna dos sonhos esquecidos’: atividades na formação de professores de física”, de Aldo Aoyagui Gomes Pereira e Maria José Monteiro Pereira de Almeida que trata da utilização do documentário de 2010 do diretor alemão Werner Herzog em atividades de sala de aula. Embora o artigo apresente atividades para o ensino de Física, assistindo ao filme consideramos que o documentário pode ser projeto de estudos da escola, relacionando diferentes áreas do conhecimento de forma interdisciplinar para o ensino médio.

As atividades que apresentamos são direcionadas a professores e seus alunos das áreas de Física, Geografia, Artes e Comunicação:

1. Propomos que professores e alunos assistam ao documentário, disponível no YouTube.¹²

2. O objetivo dos docentes ao assisti-lo é organizar atividades próprias de sua área de conhecimento; algumas sugestões para o professor de Geografia focam-se no estudo do espaço físico, do meio ambiente e da presença do homem; para o professor de Arte e Comunicação, no estudo da arte rupestre e de seus significados enquanto formas de comunicação; e para os professores de Física, a leitura do artigo sobre a questão do Carbono 14.

3. Sugerimos que os alunos assistam ao documentário com roteiro preparado pelo professor de uma das áreas citadas. O roteiro deverá levar o estudante a registrar os seguintes dados: diretor e música do documentário, local da caverna, cenas que considerou mais impressionantes e o conteúdo pedido pelos professores das áreas envolvidas.

Como subsídio para o docente, informamos que, como o filme se encontra no YouTube, tanto aluno quanto professor podem rever as cenas quantas vezes acharem necessário.

4. O documentário tem duração de 1h30, portanto pode ser difícil que a Geração Z fique envolvida durante todo esse período, então propomos que seja apresentado em pequenos trechos de 20 a 30 minutos por professores das diferentes áreas, de forma a deixar, em especial, a parte final aos professores de Artes e Comunicação.

Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar.
(Zygmunt Bauman)¹³

11. ITACARAMBI, Ruth Ribas. Atividades com Comunicação & Educação Ano XVIII – n. 2. *Comunicação & Educação*, São Paulo, v. 18, n. 2, pp. 137-142, 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/68349/78624>>. Acesso em: 23 out. 2017; _____. Atividades com Comunicação & Educação – Ano XX – n. 2. *Comunicação & Educação*, São Paulo, v. 20, n. 2, pp. 169-175, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/103585/103989>>. Acesso em: 23 out. 2017.

12. [TCHA_UnB] a caverna dos sonhos esquecidos. 90'07". Prof. Marcelo Freire. YouTube. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lzcregYsle4>>. Acesso em: 23 out. 2017.

13. Apud PRADO, Adriana. “Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar”: Sociólogo polonês cria tese para justificar atual paranoia contra a violência e a instabilidade dos relacionamentos amorosos. *IstoÉ*, São Paulo, 25 set. 2010. Disponível em: <[https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDO+S+NADA+E+PARA+DURAR+>](https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDO+S+NADA+E+PARA+DURAR+/). Acesso em: 23 out. 2017.